

## PEDAGOGIA SOCIAL, JUVENTUDE E VULNERABILIDADES

- \* Edite Sant'Anna da Silva (UFF)
- \* Elaine de Oliveira Ferreira (UFF)
- \* Margareth Martins de Araújo (UFF)

### RESUMO

O artigo *Pedagogia Social, Juventude e Vulnerabilidades em tempo de maternidade*, discorre sobre três estudos em andamento no grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Pedagogia Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (FEUFF), no eixo educação-pobreza, realizados com jovens da periferia do Estado do Rio de Janeiro, durante o ano de 2018-2019. Foi escrito a três mãos em um período de final de gestação de uma das autoras, o que tornou a escrita mais sensível e maternal. Versa ainda sobre os desafios cotidianos de jovens na busca cotidiana pela sobrevivência e que buscam na educação uma alternativa possível. A crença em dias melhores aparece como um ingrediente fortalecedor da resiliência exercida pela vida à fora.

Palavras-chave: Educação. Pedagogia Social. Formação de Educadores Sociais. Vulnerabilidades.

### ABSTRACT

The article *Social Pedagogy, Youth and Vulnerabilities in maternity time*, discusses three studies in progress in the Research, Teaching and Extension group in Social Pedagogy of the Faculty of Education of the Federal Fluminense University (FEUFF), in the education-poverty axis, carried out with young people from the periphery of the State of Rio de Janeiro, during 2018-2019. It was written with three hands in a period of final gestation by one of the authors, which made writing more sensitive and maternal. It also deals with the daily challenges of young people in their daily search for survival and they look for a possible alternative in education. The belief in better days appears as an ingredient that strengthens the resilience exercised by life outside.

Keywords: Education. Social Pedagogy. Formation of Social Educators. Vulnerabilities.

### PERIFERIAS COMO CONTEXTOS DE EMERGÊNCIAS

Em algum lugar, pra relaxar  
Eu vou pedir pros anjos  
cantarem por mim  
Pra quem tem fé  
A vida nunca tem fim  
Não tem fim, é

( Rappa)

A região em que a pesquisa se processa é o cenário no qual as tramas sociais se estabelecem, desenvolvem e ampliam as possibilidades da existência humana. Em alguns momentos, também as limitam. Para esse artigo, nos ateremos aos pontos comuns das três cidades acompanhadas (Niterói, Rio de Janeiro e Araruama), para a tessitura textual, valorando os pontos comuns, possíveis de generalizações. Nossa intenção é trazer à tona algumas perspectivas das vidas dos jovens, objetivando socializar, durante a formação de Educadores Sociais, as informações, para possibilitar o acolhimento, a compreensão, a escuta, o diálogo e a convivência humana nos períodos de convívio na escola.

Sim, cerca de vinte e cinco jovens que estudam e apostam na escola como possibilidade de tornar a vida uma trajetória de possibilidades. Acreditam na importância dos estudos para a formação de “um futuro melhor”, como dizem:

- Se a vida deixar né. Se ela deixar, se não acontecer nada fora do que a gente espera. Quero sonhar e tenho fé que vai dar tudo certo. Se depender de mim, meto a cara. Até porque, tô vendo a coisa feia aí fora. Se eu não tiver fé e apostar na vida, o que estou fazendo aqui? (Marcos, 15 anos).

Marcos é um rapaz como muitos, por nós acompanhados; sabe dos riscos aos quais está exposto, porém não se deixa paralisar - ele segue a vida procurando não pensar muito na realidade que o cerca. Investe suas ações em perspectivas positivas de futuro e acredita ser possível realizar seus sonhos. Insiste e não desiste, precisa e quer escrever outra história para sua vida, bem diferente das histórias de vida de seus colegas que, por opções equivocadas, já não podem mais sonhar.

Como os demais rapazes que acompanhamos em nossas pesquisas, Marcos se mostra resiliente. Porta uma habilidade humana que, nem sempre

aflora; não há garantia entre nós, seres humanos, de assim sermos por toda a vida. Ele, porém, durante o período em que convivemos, assim se mostrou. Marcos externou a habilidade que, permite responder, de forma intuitiva, à extrema adversidade, estresse agudo, situações de tensão. Sua habilidade de dar a volta por cima e manter-se otimista, seguro na sua fé, o faz avançar vida à fora.

Se você não aceita o  
conselho, te respeito  
Resolveu seguir, ir atrás,  
cara e coragem  
Só que você sai em  
desvantagem se você não  
tem fé  
Se você não tem fé.

(Rappa)

Outra característica observada em boa parte dos jovens é o exercício de fé. Fé aliada aos estudos constrói um escudo importante na superação de dias difíceis e de esperança no amanhã. De posse de ambos, ganham forças para compreender ser possível superar as adversidades da vida cotidiana. Acreditam que tudo vai passar. Entregam-se, como podem, à luta do dia-a-dia, sem parar para pensar muito no que se processa a sua volta. Optam por enxergar a vida através de outro prisma, que os permita seguir em frente, com um pouco mais de segurança. São dignos da compreensão humana; acreditam que, andando pelas trilhas do ensino e da religião, ficam livres de maiores problemas.

Todos abraçam essas duas oportunidades como tábua de salva-vidas e sabem que, fora delas, os riscos são grandes. Já perderam muitos amigos assim e não querem para si e para nenhum ente querido, o mesmo fim. A contagem dos que partiram é grande e os afeta emocionalmente; ela escreve a ferro e fogo, nas vidas de cada um deles. A tristeza pelos que partiram é imensa. Não gostam de falar a respeito, porém externam a saudade que insiste em doer na vida de todos. Os que se foram fizeram parte da infância de todos, era “moleque bom”, como expressam. Com a cara e coragem vivem,

acreditando em dias melhores. É com Freire que buscamos intelegir a realidade pesquisada na busca esperançada da ajuda, da partilha e do diálogo:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! (FREIRE, 1980, p.110-111).

É com esperança que prosseguem a cada dia, vivem dentro das possibilidades impostas pela vida e avançam, transgredindo o que podem. O que importa é não deixar de investir no futuro e acreditar em dias melhores. Eles voltaram a sonhar. E isso não tem preço. Há vinte anos atrás, outro grupo de jovens não pensava no futuro. Hoje, é um alento para nós, pesquisadores, perceber, olhando para trás, que é possível perceber o valor da esperança, da fé e da crença no futuro. Ser resiliente também é uma característica que a essas se agrega.

Favela Nova Holanda/ Rio de Janeiro: Em busca por compreender as diferenças no contexto da Educação Popular

Elaine de Oliveira Ferreira

E a cidade  
Que tem braços abertos  
num cartão-postal  
Com os punhos fechados  
da vida real  
Lhes nega oportunidades  
Mostra a face dura do mal

Trecho da  
música Alagados - Paralamas do Sucesso

Pensar em adolescentes e jovens que vivem em regiões periféricas é também pensar em identidades, memórias e histórias construídas a partir de

diferentes contextos no que diz respeito ao flagelo e às desigualdades sociais. Por isso, falar de educação e socialização na favela da Nova Holanda/RJ, por meio do viés da Pedagogia Social, envolve pensar também na complexidade das políticas públicas como um todo, além da complexidade das linguagens, culturas, processos educacionais, estéticos e éticos que promovem a formação do indivíduo.

Desse modo, importa considerar as relações de poder e interesses envoltas por aspectos de políticas públicas de segurança nestes espaços, que, por muitas vezes, parecem, de certo modo, favorecer o crescimento e desenvolvimento do narcotráfico. Significa pensar sobre o terrorismo imposto pela cultura do medo, tanto pelo narcotráfico, quanto pelo Estado, quando se exige de suas funções de conscientização, e como também, no que se refere ao exercício de enriquecimento do diálogo, da reflexão sobre seus aspectos sócio históricos e culturais.

Nesse movimento, ou seja, de uma pesquisadora em formação que tem a Pedagogia social como uma forma de ser e estar pesquisadora, a possibilidade de ouvir e construir com os sujeitos da pesquisa, reivindicações, angústias, inquietações e subjetividades, vem proporcionando contribuições significativas de trocas, identificando uma forte relação de cooperação para o processo de formação de um pesquisador social e para estudos e aprofundamentos posteriores.

Há que se pensar também sobre certos indícios encontrados nos espaços tidos como não lugares, o que envolveu, no caso deste estudo, uma percepção mais aguçada de como os indivíduos se veem na condição em que estão, nos lugares e nos territórios que ocupam. Trata-se também de tentarmos compreender historicamente a noção específica de individuação e socialização.

Neste sentido, entre vivências e despertamentos, o desconforto em perceber o descaso do Estado com os jovens que vivem em favelas, foi fundamental para identificar aspectos referentes ao cotidiano das escolas que se localizam no Complexo da Maré, em especial na favela Nova Holanda, o contexto problematizador do 'futuro' prometido aos jovens moradores desta região que, em sua maioria, são formados em pleno contexto de constante guerra civil, deflagrada pelos interesses por vezes antagônicos do estado, do narcotráfico, seus representantes e não surpreendentes interesses individuais.



Fonte: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/3086-mare-uma-cidade-dentro-do-rio-de-janeiro>. Acesso em 14/04/20.

É nesse movimento de pesquisadora em formação, que compreendemos a pesquisa em Pedagogia Social de modo teórico-prático e a relação dialética da própria pesquisa. Apesar do estranhamento necessário do olhar da pesquisadora em meio a estes contextos, torna-se impossível ter distanciamento dos sujeitos de pesquisa em seus cotidianos, sendo inviável o processo de negação de tanto sofrimento, esquecimento, e invisibilidade social que estes sujeitos vivenciam desde o nascimento, Como nos mostra Martins (2014, p.14):

A partir do momento em que você se identifica com a questão temática, a descobre como parte de si mesma, se percebe a ela misturada; não dá para negar, evitar, apartar-se dela. Talvez aí resida a maior riqueza e o maior perigo da pesquisa social: a de procurar manter-se envolvida e não tão envolvida ao mesmo tempo. Será possível?

Com isso, o que foi vivido nesses atravessamentos, tanto como professora quanto como pesquisadora, me possibilitou perceber a necessidade de que os sujeitos da pesquisa precisam ser ouvidos, não necessariamente pelas questões propostas pela pesquisadora em questão, mas por aspectos que, para eles, são extremamente mais significativos e complexos, como, por

exemplo, terem um canal para expressar seus questionamentos e discutirem sobre o cotidiano vivido, sentido. Contudo, parecem não ter a possibilidade de conseguir esse canal, com o qual exteriorizariam seus sentimentos e vivências.

Ao serem ouvidos, demonstram alívio apenas por terem podido contar suas histórias sem que sejam identificados ou julgados por suas exposições, visto que utilizam pseudônimos com a pesquisadora. Com isso, percebi conforto por parte dos entrevistados, mesmo quando as entrevistas são interrompidas por tiroteios ou operações.

Ao transitar por esses espaços e territórios, podemos compreender as dimensões que, no imaginário cotidiano dos indivíduos se refletem. Nesse sentido, percebemos que as pessoas que moram em regiões urbanas periféricas estão submetidas a condições precárias no que diz respeito aos seus direitos à cidadania, com poucas ou nenhuma oportunidade de usufruírem de espaços públicos e urbanos como por exemplo as praças, de ter acesso a teatros, galerias ou espaços de experiências culturais mais amplos. Todos estes aspectos nos falam muito da remodelação e reprodução de significados.

Habitamos um mundo interpretado por outros onde temos de tomar lugar. O mundo inter-humano é um mundo de sentido tanto como um mundo de sentido, um mundo onde os nossos sentidos tomam sentido, um mundo onde a nossa sensoriedade se carrega de história, ela governa as nossas emoções tanto como as nossas percepções ( CYRULNIK, 1993, p. 13 ).

Através da Pedagogia Social, buscamos um caminho muito além da reprodução de significados, trata-se da criação e construção de vínculos de acolhimento recíprocos, num processo que movimenta não apenas o encontro de respostas para o que está posto, mas inquietações e percepções que possam contribuir para que os sentidos inter-humanos e sociais tenham sentido, a partir de uma construção sócio- histórica.

Destacamos, também, a questão da responsabilidade social, de modo que esta esteja a frente da identificação pessoal do pesquisador com seus sujeitos de pesquisa, mas que possa ir muito além disso. Compreendendo os sujeitos e territórios inseridos numa relação de pertencimento, capazes de promover não apenas acolhimento no viés da Pedagogia social, mas, de fato, contribua para o processo de transformação social.

A Pedagogia Social tem como um de seus objetivos promover as transformações sociais no que diz respeito às estruturas que produzem historicamente as desigualdades sociais. Não deixando de refletir sobre a educação popular e comunitária, ponderando também a discussão do pragmatismo com a práxis, ou seja, uma pedagogia que seja pautada na pesquisa ação, sem dicotomizar o fazer e o pensar (SILVA, 2017).

Portanto, a partir dos aspectos abordados, cabe ressaltar a relevância e a urgência da construção de projetos que contribuam para a formação de uma sociedade que compreenda seus sujeitos como sujeitos sócio históricos. Assim, parece possível pensar em uma sociedade que lute por igualdade de direitos, de forma a refletir a formação humana e seus contextos, levando os sujeitos sociais a serem cidadãos críticos por meio da convivência social.

## PEDAGOGIA SOCIAL E FAVELAS: JUVENTUDE, EXCLUSÃO E EDUCAÇÃO FAVELA DO CONDOMÍNIO II, EM ARARUAMA – RJ

Edite Sant'Anna da Silva

O município de Araruama está localizado na Região dos Lagos, no interior do Estado do Rio de Janeiro, mais recentemente enquadrado como Região Costa do Sol, do Estado do Rio de Janeiro. Os municípios limítrofes são: Iguaba, Saquarema, Rio Bonito, Casimiro de Abreu, Cabo Frio, São Pedro da Aldeia, Silva Jardim e Arraial do Cabo e possui cinco distritos, sendo três urbanos (Araruama, Praia Seca e Iguabinha) e dois rurais (São Vicente e Morro Grande).

A favela do Condomínio II, local onde realizei minha pesquisa, está localizada no bairro de Bananeiras, no município de Araruama e sua formação histórica remonta em menos de trinta anos, iniciada a partir de doações de terrenos pela prefeitura. É cortada por cinco ruas, num local onde deveria funcionar uma praça. Atualmente, conta com uma escola municipal, uma creche, um posto de saúde e uma linha de ônibus. De início, pacata, a favela trouxe crescimento para a área e aos poucos foram chegando algumas casas

de comércios, incluindo um supermercado e muita violência, com a vinda do tráfico de entorpecentes.

Segundo Nilda Alves (2001), o cotidiano é verdadeiramente uma riqueza de detalhes para quem se dispor a mergulhar com todos os sentidos, observando as texturas, os gostos, olhares, cheiros, sons e cores que compõem uma favela. E o Condomínio II (CII) é uma mistura de sons que se entrecruzam - carros passam, o barulho dos freios dos ônibus que param para que as pessoas desembarquem, enquanto outras entram; alguém grita “Espera aí, motorista!” pois quase sempre alguém ainda está vindo e o motorista, paciente, espera, até que o retardatário também embarque.

Crianças gritam, mulheres falam alto, músicas, de várias partes e de vários gêneros, vão se misturando em uma batida estridente, com uma predominância para o funk, alto, obscuro, com um apelo ao corpo que faz com que alguns, crianças, adolescentes e até adultos, se deixem levar pela toada e façam seus passinhos, na rua, no mercado ou em frente as suas casas.

A favela, vista pelos olhos das instituições e dos governos, é o lugar, por excelência, da desordem. [...] Os estereótipos que se formam da cidade são os mesmos desenvolvidos pela favela. Ao longo deste século, a favela foi representada como um dos fantasmas prediletos do imaginário urbano: como foco de doenças, gerador de mortais epidemias, como sítio por excelência, de malandros e ociosos, negros inimigos do trabalho duro e honesto; como amontoado promíscuo de populações sem moral (ZALUAR, 2015, p.14).

As pessoas da favela enfrentam muitos desafios, dentre eles o preconceito, como nos salienta Zaluar (2015), e são bem diversas - umas sorriem, outras nem sequer olham para quem está do seu lado; outras, saem, abraçadas, conversando alto, pela rua; mas no dia em que a polícia passa, ninguém sai de casa, reina o silêncio. As casas falam de seus moradores e seus jeitos de encarar a vida. Algumas cheias de mato, caramujos africanos disputando com fezes de cachorro na frente da entrada; cercas caindo, geladeiras velhas, peças de carro, pedaços de máquinas de lavar, televisões quebradas, tudo compondo o que deveria ser um jardim. Outras, destoando das demais, bem pintadinhas, com cores vivas combinando as paredes com portas e janelas, com seus muros coloridos com as pichações e os cestos altos, na frente da casa, para depositarem seus lixos.

Conforme Cataldi (2018), ao pensar sobre a *alma* na favela, considera que não apenas um sujeito é dotado de alma, mas também o espaço em que reside. A alma do CII pode ser refletida através das imagens captadas pelo olhar, em suas ruas largas, de terra, com as casas muito juntas, mesclando a solidão de uma vida dura, de (sobre) vivência, apenas, com o alarido das crianças e de grupos de adolescentes, o colorido das pipas, as roupas nos varais e as músicas misturando o religioso e o profano, num ecumenismo comunitário.

Os sujeitos de minha pesquisa, as crianças e adolescentes do CII, estão em toda parte na favela - descalças alguns, rindo, chorando, cortando as ruas de bicicleta. Alguns meninos parando a bicicleta com o pé, pela ausência de freios. Solitários ou em grupos, disputando as *bolebas* coloridas (bolas de gude) e correndo atrás de pipas. Na porta do mercadinho, muitos meninos ficam pedindo dinheiro às pessoas que saem, com suas compras. Quase impossível entrar numa favela e não se deparar com muitas crianças, sempre curiosas, barulhentas, cheias de perguntas e falando tudo; acessíveis a todos, em sua inocência de mundo e os adolescentes, com seus cabelos de várias cores e cortes, desfilando suas bermudas cada vez mais abaixadas.

Conhecer a realidade social de uma favela é entrar num mundo próprio; um perfil único que lhe caracteriza, vendo de perto as forças e fraquezas que fazem parte desse cenário e, em especial, ressaltados em minha pesquisa, os aspectos da vulnerabilidade a que os jovens estão submetidos, em especial a violência invisível, psicológica e formadora de subjetividades.

Jares (2007) traz uma noção de violência como uma ideia contrária à paz, como a violência da guerra e do homicídio; a violência da pobreza, que engloba as necessidades e privações materiais; a violência que ocorre com a repressão dos direitos humanos e a violência de se viver de forma alienada, sem uma consciência do direito à dignidade.

É visível que a realidade social atua na dinâmica da vida dos moradores da favela, em seus recursos diários, no que-dá-para-fazer e no que-dá-para-ser. No caso das crianças e adolescentes, diria até no que-dá-para-se-comportar. Além disso, percebo, ao adentrar no CII, como pesquisadora da Educação, o “medo da liberdade”, sobre o qual nos alerta o mestre Paulo Freire (1987), onde a conscientização assusta, amedronta e é quase banida, como

elemento reacionário, perigoso. Ter uma consciência crítica não é bem-vindo em espaços onde a alienação é reforçada para dar conta do silêncio, que mantem o conformismo e o *status quo* de miséria e vulnerabilidade social.

Logo, muitas são as relações que se cristalizam, instituídas, onde pessoas assumem uma miséria desumanizadora, identificadas com a falta de reconhecimento, desvalorizando a si mesmas. Por isso, Freire (1987) insiste numa educação que conscientize, num processo que traga libertação, intervindo para que haja uma restituição do ser humano, marcando sua presença no mundo e com o mundo e não como um objeto de dominação. Assim, a conscientização faz com que o ser humano seja capaz de transformar sua realidade e também ser transformado por ela, fazendo e refazendo sua história, com responsabilidade e criticidade, numa reflexão que se traduza por comprometimento com a ação.

A violência, por sua vez, precisa ser considerada como uma pluralidade, visto que são muitas e de várias formas e a vulnerabilidade, igualmente, não pode ser pensada apenas por um viés, principalmente em se tratando de crianças e adolescentes. Isso porque a vulnerabilidade não está somente atrelada à questão econômica, mas também existem muitos fatores que podem fazer com que crianças e adolescentes estejam vivendo em uma situação de risco, como, por exemplo, as relações da criança e do adolescente com o adulto, que precisam se pautar pelo respeito a condição peculiar de seres em desenvolvimento.

Sierra (2006, p. 148) aponta para o conceito de vulnerabilidade e a necessidade de se pensar os problemas de inserção social vinculados à socialização e aos direitos instituídos:

O conceito de vulnerabilidade remete à ideia de fragilidade e de dependência que se vincula à situação de crianças e adolescentes, principalmente os mais pobres. Contudo, os fatores de risco que incidem sobre a vida deles não se restringem aos problemas da exclusão social, mas envolvem também os relacionamentos entre crianças e adultos, que ocorrem tanto no espaço público quanto no privado. Daí a necessidade de considerar não apenas os problemas de inserção social, mas de pensar a socialização e sua relação com os direitos da criança e do adolescente.

A infância, bem como a adolescência, quando pensadas apenas numa dimensão de dependência e fragilidade, ofuscam a necessidade de se pensar na autonomia e na sua garantia de direitos, afiançados, atualmente, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que possibilita a proteção integral, mas também colabora para que eles (adolescentes) sejam chamados à responsabilidade por seus atos, impossibilitando que sejam considerados apenas como vítimas da sociedade, no caso de cometerem uma infração.

De fato, a autora considera que existe uma relação entre a vulnerabilidade e os fatores de risco na vida de crianças e adolescentes, que podem ser provenientes de conflitos na família, na escola, comunidade, etc. Deixa claro, também, a importância de ações sociais que busquem intervir e promover o afastamento desses jovens das situações de conflito com a lei; longe de se reforçar a antiga ideia de que a criança é fruto do meio, ressalta a importância do acesso a diferentes ambientes sociais.

Martins (2019) trabalha com a ideia de vulnerabilidade como “pessoas ou famílias que estão em processo de exclusão social, principalmente por fatores socioeconômicos”, citando as condições precárias de moradia e saneamento, “meios de subsistência inexistentes” e a “ausência de um ambiente familiar” (p. 333). O risco social é entendido como “período da vida do ser humano, onde há um desequilíbrio socioeconômico” (p. 333). Sabemos que a Pedagogia Social pode trazer orientação social e Educação para uma autonomia, num território de vulnerabilidade e hostilidade e o entrosamento do grupo é fundamental para fazer a diferença na vida de uma criança e de um adolescente (VÁRIOS AUTORES, RPS, 2019).

A Educação assume uma postura de ato político, como um instrumento de luta, conforme nos ensina Paulo Freire, desafiando a uma ação mais revolucionária, capaz de emancipar e transformar a realidade social, numa tomada de consciência que liberte o sujeito das forças que o impelem para a alienação. Freire (1987) propõe que a educação seja dialógica e emancipadora e, nesse sentido, efetivamente valorize as pessoas, para fazê-las sujeitos com capacidade para a reflexão; com uma consciência que busque uma liberdade que as afaste da opressão, voltando-se para a liberdade de ser humano.

Jares (2007) propõe uma Educação para a paz, numa dimensão transversal de currículo e como enfoque interdisciplinar, com sentidos e estruturas que estejam voltados para o princípio da não violência e inserida para constituir a sociedade voltada para o enfrentamento sem violência para os conflitos, com o engajamento de docentes, alunos e suas famílias.

Enfim, a favela do Condomínio II pode entrever caminhos para seus conflitos através da Pedagogia Social, com crianças e adolescentes mantendo-se numa posição de amor e carinho pela localidade onde residem, nutrindo sonhos de futuro, através de uma Educação para a paz e para uma melhor convivência comunitária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: OS AVANÇOS DA PESQUISA

A pesquisa sob os auspícios da Pedagogia Social exigiu-nos sensibilidade para perceber o campo pesquisado; pudemos sentir e ver que os sujeitos de nossa pesquisa podem ser potencializados através da Educação e de novas experimentações, ressignificando sua forma de existir no mundo.

A alteridade nos ensinou, como educadoras, importantes lições acerca da necessidade de estarmos mais implicadas no cenário social; falou-nos da produção de miseráveis no mundo e do quanto crianças e adolescentes não têm acessado o mínimo que poderia fazê-los trilhar seu caminho com mais igualdade de direitos.

Percebemos, nas relações de poder estabelecidas na favela, a violência da deficiência dos afetos, de atenção e de respeito aos pequenos e, igualmente, a ausência de referenciais que possibilitariam aprendizados melhores de colaboração, generosidade, perdão e do diálogo para resolver conflitos, inerente a toda relação humana. Tais vivências, ainda na infância, redundariam favoravelmente em subjetividades mais cidadãs, ou seja, seriam mais coerentes com uma cidadania verdadeiramente apoiada em valores e princípios dos direitos humanos.

Crianças e adolescentes podem aprender com bons exemplos - que o grito pode ser substituído por argumentos; que o preconceito pode ceder espaço ao respeito à diversidade e que as brigas e desentendimentos, se forem mediados por estratégias de paz, podem gerar maior crescimento e

amadurecimento para as relações interpessoais. Cada ida ao campo vislumbrou, para nós, novas possibilidades para as pesquisas, perspectivas mais assertivas para lidar com os conflitos que iam se apresentando no caminho, uma vez que eles revelam nossas diferentes formas de pensar e agir e é uma excelente oportunidade para a realização de ajustes nos relacionamentos, que devem ser sempre pautados no respeito ao outro e em sua história de vida.

Enfim, é possível afirmar que, boas companhias geram bons frutos que, associados aos bons exemplos, às boas atitudes, aos bons pensamentos, apontam para posturas saudáveis e sinalizam para uma perspectiva de bem-estar. Pensamentos positivos, atitudes positivas diante da vida, esperança em dias melhores, são promotores de vida e vetores de superação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Nilda. **Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas**. In: OLIVEIRA, I.B.; ALVES, N. (Org.). Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ARAÚJO, Margareth Martins de. **Formação de professores e práticas educativas: Novos paradigmas, a minha, a sua e as nossas histórias**. In: ARAÚJO, Flávia Monteiro de Barros. Formação de professores: múltiplos olhares. Niterói. Eduff, 2015, p. 223 - 238.

BRASIL. Lei 8.090. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, 1990, ed. 2018.

CATALDI, Giovana. **A alma na favela: uma leitura hillmaniana sobre a vida na comunidade**. In: cidade & alma | perspectivas atas do colóquio de 20 de outubro de 2017. Organizadores Acací de Alcântara / Arthur S. C. Cabral / Catharina P. C. S. Lima / Gustavo Barcellos / Vladimir Bartolini FAUUSP, 2018.

CYRULNIK, Boris. **Nutrir os afectos**. Instituto Piaget- Lisboa 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidade de Araruama**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/araruama/panorama>. Acesso em 23 de novembro de 2019.

JARES, Xésus R. **Educar para a paz em tempos difíceis**. Palas Athena, São Paulo, 2007.

MARTINS, Margareth de Araújo. **Pedagogia Social: diálogos com crianças trabalhadoras**. V. VIII, São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2015.

MARTINS, Margareth de Araújo. **Percorrendo o caminho**. In: FERREIRA, Arthur Vianna. *Conviver também é educar*. 1.ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

SIERRA, Vânia Morales; MESQUITA, Wania Amélia. Vulnerabilidades e Fatores de risco na Vida de crianças e adolescentes. **São Paulo em Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 148-155, jan./mar. 2006.

SILVA, Roberto da. **As bases científicas da educação não formal**. In: SILVA, Roberto da; SOUZA, João Clemente; MOURA, Rogério. *Pedagogia Social*. – São Paulo. Ed. Expressão e Arte Editora, 2009.

SILVA, Roberto da. **Pedagogia Social: contribuições para uma teoria geral da Educação Social**, Volume 2 / Roberto da Silva (Orgs.). [et. al] —1. Ed. – São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2011.

VÁRIOS AUTORES. **Revista de Pedagogia Social (RPS)**. V. 8, 5. Disponível em:  
<http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/announcement/view/4>. Acesso em 18 de janeiro de 2020.

ZALUAR, Alba & Alvito, Marcos (orgs.). (1998). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.